

Faroeste

Falta de aviões prejudica ação da Funai e da PF em Roraima

OLYMPIO BARBANTI JR.
Enviado especial a Roraima

A falta de apoio aéreo está comprometendo a ação de saúde para os ianomami e a operação de retirada de garimpeiros do território indígena. Os agentes da Polícia Federal não serão deslocados hoje para as pistas de pouso do garimpo, porque não há aviões para transportá-los. Deverão ir na quarta-feira. Os médicos da Funai realizaram menos da metade dos atendimentos previstos.



A Funai possui três aviões. O Islander está fora de operação, depois de passar dias voando com um vazamento de combustível. O Bandeirantes e o Sêneca não teriam condições de pousar nas pistas de terra. O helicóptero Super Puma cedido pela FAB teve três panes em quatro dias e foi para revisão em Manaus.

Nilson Campos, coordenador da operação de retirada dos garimpeiros por parte da Funai, disse que a Aeronáutica colocou na operação dois aviões Caravan (para oito pessoas cada), quando havia sido pedido um Búfalo (para 32 pessoas). Segundo Campos, a Aeronáutica informou que "não há condições de operacionalidade" nas pistas de Surucucus e Paapiú, construídas pelo Comando Aéreo Regional da Amazônia. O coronel Amado, do 7º Comando Aéreo Regional,



Técnicos da Sucam detetizam a aldeia ianomami de Paapiú, a 270 km de Boa Vista, para prevenção de malária

não foi localizado ontem para dar informações. A Funai espera receber, da frota que tem, mais um Islander e um Cessna. Os dois deverão ficar no chão, porque a Petrobrás cortou o fornecimento de combustível à Funai, alegando falta de pagamento.

A área de Paapiú (270 km a oeste de Boa Vista) não foi desocupada pelos cerca de 12 mil garimpeiros que ali retiram ouro. Apenas a pista de pouso doméstico nome foi abandonada. A desocupação dessa pista foi decidida no "termo de compromisso" assinado no último dia 9 por representantes da PF, Funai, DNPM, governo de Roraima e dos garimpeiros. Num raio de 4

km de Paapiú existem 22 pistas de pouso, segundo o "mapa do garimpo" utilizado pela PF. Nenhuma delas foi desocupada.

Amanhã, uma equipe de agentes federais vai a Paapiú montar o primeiro acampamento da PF na selva. Na quarta-feira, a polícia Federal vai deslocar dezenas de agentes para Paapiú, que servirá de base de operações. Um novo contingente de cerca de 100 agentes da PF deve chegar a Boa Vista nas próximas horas. Era esperado na cidade, na madrugada de hoje, o delegado Amaury Galdino, diretor do Departamento de Ordem Política e Social da PF.

O jornalista OLYMPIO BARBANTI JR. viaja sob o patrocínio da Varig

Pilotos do garimpo boicotam imprensa

Do enviado especial a Roraima

Os pilotos de avião que operam junto ao garimpo em Roraima estão boicotando o trabalho dos jornalistas na cobertura da operação de retirada de garimpeiros da reserva ianomami. Os pilotos, que trabalham como autônomos, decidiram não mais transportar repórteres para as pistas de garimpo. Alegam que os jornalistas "não mostram a realidade" e "não falam a verdade". Há cerca de dez jornalistas brasileiros e dez estrangeiros cobrindo a operação.

Funai chama a RR sertanista afastado

Do correspondente em Manaus

A Funai convocou, na semana passada, o sertanista Francisco Bezerra de Lima, 52, afastado da chefia do posto indígena de Surucucu (Roraima) desde fevereiro de 1988, para acompanhar a retirada dos garimpeiros da reserva dos índios ianomami. Bezerra é um dos poucos funcionários da Funai que falam fluentemente a língua dos ianomami, com os quais conviveu durante 25 anos. "Minha missão é explicar aos índios que eles viverão melhor sem os garimpeiros", afirmou.

O sertanista disse ter sido transferido do posto indígena de Surucucu, onde havia chegado em 1976, quando começou a denunciar a matança de índios pelos garimpeiros. Ele acusa o ex-presidente da Funai e hoje governador de Roraima, Romero Jucá Filho, de tê-lo transferido. "Tenho mágoas do Romero Jucá. Minha transferência foi algo absurdo e irracional", afirmou. Hoje, Bezerra é chefe de um posto indígena na reserva dos waimiri-atroari, no Amazonas.

O sertanista diz que a partir de 1985, os garimpeiros passaram a "massacrar" os índios que resistiam às invasões. Em abril de 1988, segundo ele, os garimpeiros atacaram a aldeia de Boy-mop, perto do Pico Redondo, matando uma criança de colo, ferindo dois índios e torturando outros dois. Um índio perdeu o braço. Bezerra sugeriu que a Funai conseguisse uma indenização pela morte da criança e pela invalidez do índio, "mas o caso caiu no esquecimento".



Olympio Barbanti Jr.

Índios ianomami no centro da aldeia do Demini, atingida pela malária, que prepara ritual fúnebre para seu líder

Garimpeiros levam malária a Demini

Do enviado especial a Roraima

A malária chegou à aldeia do Demini, onde mora o líder ianomami Davi Xiriana. O garimpo de ouro mais próximo está a cerca de 50 km, sem nenhum tipo de ligação por terra. Também não existe ligação aérea. Os garimpeiros não pousam com seus monomotores no Demini (cerca de 280 km a oeste de Boa Vista), porque os índios não permitem. Mesmo assim, a malária, que inexistia até outubro passado, atacou 27 índios em dezembro, segundo o posto de enfermagem da Funai na aldeia.

A doença é transmitida através do garimpeiro, portador do protozoário plasmodium (agente da malária). Esses garimpeiros estão na região do Catrimani, vizinha

ao Demini. No último dia 9, foi criada nessa região uma reserva para o garimpo, através de um acordo entre o Ministério da Justiça, a Fundação Nacional do Índio (Funai), o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), a Polícia Federal, o governo de Roraima e lideranças garimpeiras. Segundo o entendimento desses órgãos, a reserva não fica dentro de área indígena e não causaria problemas. Para o Ministério Público, que se baseou em dados da Funai, a reserva de garimpo está dentro da área ianomami e o acordo é ilegal.

Os ianomami do Demini contraíram a malária porque caminharam muito. É um povo nômade. Na região do Catrimani, ao lado do garimpo, há outros índi-

os. Os ianomami do Demini vão visitar seus parentes e voltam doentes. Não é uma situação exclusiva dessa aldeia, a menor entre as ianomami, com 76 moradores.

Apesar da doença e da presença de Davi Xiriana, o mais esclarecido dos ianomami, o garimpo tem atraído muitos índios do Demini. Segundo Zilma de Fátima Richel, atendente de enfermagem da Funai, alguns ianomami têm deixado o Demini para viver junto ao garimpo. Os índios querem farinha, açúcar, sal e roupas. Acostumado com esses produtos, o ianomami passa a depender do garimpeiro para continuar comendo, porque não possui dinheiro para comprar alimentos. Esse contato acaba por matar diversos índios.

Aldeia fará festa fúnebre

Do enviado especial a Roraima

Os índios do Demini prepararam-se para uma festa. Vão tomar um mingau de banana com parte das cinzas de Noé, o antigo tuxaua (líder da tribo). O tuxaua, que é designado pela idade e pela melhor capacidade de convencer os outros, morreu há cerca de 20 dias. Como sempre acontece quando morre um parente, os ianomami choraram muito e fizeram pintura negra, misturando as cinzas dele com lágrimas. A festa que farão pode durar dias e não é só triste ou alegre, mas ambos.

Uma pescaria é a preparação final da festa. Cerca de 90% dos índios da aldeia estão na pescaria, que deve demorar cinco ou seis dias. O rio não éerto, fica a cerca de sete horas de cami-

nhada na selva.

O menu da festa não está definido, mas é possível que os ianomami preparem uma de suas melhores iguarias: lagartas embrulhadas em folhas e assadas, sem molho. Outro prato que deve ser servido é macacão assado. Acompanha mandioca. A carne é meio dura, mas saborosa.

O atual tuxaua, Lourival, tentou matar um queixada ontem com um tiro de espingarda, quase à queima-roupa, mas errou. Lourival é melhor no arco e flecha com veneno yakoana na ponta. O veneno tem duas funções: na flecha, serve para paralisar o animal; mas pode ser usado como alucinógeno para homens, em cerimônias fúnebres. O efeito dura um par de horas. Mal usado, o yakoana pode matar.

Entidade condena acordo

Da Sucursal de Brasília

A presidenta da Comissão de Apoio e Defesa dos Garimpeiros da Amazônia (Codega), Jane Maria Rezende, afirma que o acordo de assentamento firmado entre o governo e os garimpeiros de Roraima é "prejudicial" à categoria, além de ilegal. Segundo ela, o governo aplicou um "golpe", oferecendo aos garimpeiros áreas já ocupadas por empresas de mineração.

Jane Rezende afirmou que, ao contrário do que a Polícia Federal anuncia, os garimpeiros não estão saindo da reserva ianomami. Segundo ela, os garimpeiros estão "totalmente armados" e "dispostos a resistir". Rezende disse que a Codega vai entrar hoje com uma ação na Justiça

para garantir o "direito de trabalho" dos garimpeiros.

Ela e Nelson Marabuto, ex-agente da PF e ex-presidente da Funai, acusam o presidente da União dos Sindicatos de Garimpeiros da Amazônia Legal (Usigal), José Altino Machado —que foi o porta-voz dos garimpeiros na negociação do acordo com o governo— de ter "incitado e financiado" a invasão do território ianomami.

Ambos afirmam que Machado é financiado por grandes empresas mineradoras interessadas em tirar a terra dos índios e tem o apoio da Secretaria de Assessoramento da Defesa Nacional (Saden). Machado não foi encontrado ontem em Boa Vista (capital de Roraima) para responder às acusações.